

O ENSINO DE LIBRAS E A LINGUÍSTICA APLICADA: UMA PONTE POSSÍVEL

THE TEACHING OF LIBRAS AND APPLIED LINGUISTICS: A POSSIBLE BRIDGE

LA ENSEÑANZA DE LIBRAS Y LA LINGÜÍSTICA APLICADA: UNA PUENTE POSIBLE

*Wáquila Pereira NEIGRAMES**

*Lucas Eduardo Marques SANTOS***

*Fabióla Aparecida Sartin Dutra ALMEIDA****

Resumen: A linguística Aplicada - LA está presente em todo processo de ensino e aprendizagem. Inserida no meio acadêmico, possui como principal característica a interdisciplinaridade que soma às outras disciplinas uma investigação para melhor compreender e pesquisar os problemas linguísticos a que estamos expostos. Assim, de

* Possui graduação em Letras Libras, pela Universidade Federal de Goiás (2012). Especialização em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Sul-Americana (2016); mestranda no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Estudos da Linguagem na UFG - Regional Catalão. Atua como professora do Ensino Técnico e Superior, no Instituto Federal no campus Itumbiara. Contato: waquilapn@gmail.com.

** Possui graduação em Letras – Libras, pela Universidade Federal de Goiás (2013). Possui Especialização *lato-sensu* em Educação Inclusiva com Ênfase me Atendimento Educacional Especializado (AEE), pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (2015). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada. Atualmente é tradutor intérprete em linguagem de sinais da Universidade Federal de Goiás e aluno do Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* - Mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Goiás Regional Catalão. Participa como docente no projeto de extensão Centro de Línguas da Universidade Federal de Goiás Regional Catalão e do Grupo de Estudos GEPLAEL. Contato: lems.lucas@gmail.com.

*** Possui graduação em Letras - Português - Inglês pela ISEPI/FEI -Fundação Educacional de Ituiutaba (1988), Mestrado em Letras - Linguística e Língua Portuguesa, pela UNESP- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002) e Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUCSP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Atualmente é professora adjunta do Departamento de Letras, da UFG - Universidade Federal de Goias e professora permanente do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, também da UFG - Regional Catalão, Coordenadora do GT: Formação de Educadores em Linguística Aplicada da ANPOLL. Contato: fabiolasartin@gmail.com.

acordo com o contexto social, o processo histórico, político, econômico, cultural e de identidade a LA também pode assumir um caráter transdisciplinar. Abordaremos, portanto, neste trabalho, a aplicação da LA ao ensino de Língua Brasileira de Sinais - Libras por meio de uma breve discussão acerca da identidade e da cultura como norteadoras no processo ensino-aprendizagem de Línguas de Sinais - LS. A LA no Brasil vem cada vez mais ganhando espaço e suas ramificações sugerem explorar novos caminhos, ou seja, há uma série de métodos que aparecem através da necessidade de elaboração de métodos de análise, neste trabalho serão explorados os procedimentos analíticos desenvolvidos pela Linguística Sistêmico-funcional, proposta inicialmente elaborada por Halliday, e que explora o caráter metafuncional da língua. Não obstante, trabalharemos empenhados em estabelecer inicialmente métodos que permitam ao pesquisador identificar as questões geradas a partir da Avaliatividade presente nas construções dos enunciados expressos por indivíduos que atuam na área de formação de Libras.

Palabras-claves: Linguística Aplicada; Libras; Ensino-Aprendizagem.

Abstract: Applied Linguistics - AL is present in every teaching and learning process. Inserted in the academic environment, it has as main characteristic the interdisciplinarity that adds up to the other disciplines an investigation to better understand and to research the linguistic problems to which we are exposed. Thus, according to the social context, the historical, political, economic, cultural and identity process the AL can also assume a transdisciplinary character. Therefore we will address in this work the application of AL to the teaching of Brazilian Sign Language - Libras through a brief discussion about identity and culture as guides in the teaching and learning process of Sign Language - SL. AL in Brazil is increasing and its ramifications suggest exploring new ways, that is, there are a number of methods that appear through the need to elaborate methods of analysis, in this work will be explored the analytical procedures developed by Systemic- functional linguistics, a propose initially elaborated by Halliday, and that explores the metafunctional character of the language. Nonetheless, we will work committed to initially establish methods that allow the researcher to identify the issues generated from the Assessment present in the constructions of statements expressed by individuals who work in the area of formation in Libras.

Keywords: Applied Linguistics; Libras; Teaching-Learning.

Resumo: La lingüística aplicada - LA está presente en todo proceso de enseñanza y aprendizaje. Inserida en el medio académico, tiene como principal característica la interdisciplinaridad que suma a las otras disciplinas una investigación para comprender mejor y buscar los problemas lingüísticos a los que estamos expuestos. Así, de acuerdo con el contexto social, el proceso histórico, político, económico, cultural y de identidad a LA también puede asumir un carácter transdisciplinario. En este trabajo, abordamos la aplicación de la LA a la enseñanza de la Lengua Brasileña de Señales - Libras por medio de una breve discusión acerca de la identidad y la cultura como orientadoras en el proceso enseñanza-aprendizaje de Lenguas de Señales - LS. La A en Brasil viene cada vez más ganando espacio y sus ramificaciones sugieren explorar nuevos caminos,

o sea, hay una serie de métodos que aparecen a través de la necesidad de elaboración de métodos de análisis, en este trabajo se explorarán los procedimientos analíticos desarrollados por la Lingüística Sistémico- funcional, propuesta inicialmente elaborada por Halliday, y que explora el carácter metafuncional de la lengua. No obstante, trabajaremos empeñados en establecer inicialmente métodos que permitan al investigador identificar las cuestiones generadas a partir de la Evaluación de la presente en las construcciones de los enunciados expresados por individuos que actúan en el área de formación de Libras.

Palabras claves: Linguística Aplicada; Libras; La enseñanza y el aprendizaje.

O que é a Linguística Aplicada - LA?

O ser humano, por natureza relacional comunitária, é comunicativo. O sujeito nasce com capacidade mental para desenvolver uma língua qualquer e no processo de interação social se constitui ao mesmo tempo em que constrói sua língua, sua identidade, o que, por sua vez, acaba por gerar uma cultura.

Nesse contexto, compreendemos que ninguém nasce falando, porém uma língua toma característica constitutiva, como ressalta Coseriu (1959), que indica que há, na verdade, uma trilogia no que se refere à língua como uma realidade psíquica e que pode ser acervo linguístico, instituição social e sistema funcional. Também caracteriza os estudos da linguagem entre sistema, norma e fala, como enunciado a seguir:

[...] A distinção entre sistema e norma é importante porque resolve as dificuldades da dicotomia langue-parole e contribui para esclarecer o funcionamento da linguagem, a actividade linguística, como criação e repetição (recriação), movimento obrigado e movimento livre no quadro das possibilidades oferecidas pelo sistema (COSERIU, 1959-60, p. 29).

Não se pode deixar, para tal, de considerar que a cultura e a língua apresentam em certas instâncias uma espécie de vínculo, pois uma influência a outra numa relação dicotômica e é a partir desse conceito que o sujeito aprende os usos da comunicação tendo em conta a cultura e os costumes do seu povo, o que ocasionará a formação de uma identidade, nesse sentido, afirmamos que, existe uma língua falada/sinalizada adquirida naturalmente por meio do contato da

criança com seus pares e que as escolas assumem a responsabilidade de ensinar, especialmente as regras e as normas estabelecidas, ou seja, a gramática, que através da escrita passa a ter um caráter unificador de uma determinada comunidade. A gramática da norma padrão, neste caso, constitui-se como um conjunto de regras artificiais de uma língua que é ensinada por professores de línguas em instituições de ensino comum. A norma padrão ensinada não pode ser classificada como língua materna de ninguém, como esclarece Andrade, Santa e Ribeiro (2012), pois não reflete a gramática real da língua falada, nesse sentido, entendemos o caráter funcionalista dos estudos de linguagem. Quadros (2004) conceitua aquisição de linguagem como o contato e a interação que se associam ao ambiente familiar, e no meio escolar ocorre a aprendizagem.

As línguas de Sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação, [...] Stokoe observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma estrutura interior (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 30).

Portanto, há que se reconhecer algumas especificações que marcam o significado do termo aprendizagem da língua, pois esta é organizada, planejada, tem objetivos bem precisos, metodologia e é avaliada. Essas características a diferenciam da aquisição natural da linguagem.

Sob essa perspectiva, a Linguística Aplicada nasce a partir da provocação dos problemas do mundo real advindos do uso da linguagem, preocupando-se com questões associadas ao ensino e à aprendizagem de línguas em seus vários campos de pesquisa. Isso significa dizer que a LA se debruça sobre o ensino e a aprendizagem de línguas (materna/segunda/estrangeira), interessa-se pelos problemas de distúrbio da comunicação, participa na formação de professores, nas práticas pedagógicas, assim como na elaboração de programas e materiais de ensino (CELANI, 2000).

Ainda hoje há uma grande discussão paradigmática sobre a área de atuação da LA que se delineia em seu caráter autônomo e investigativo, o que gera uma discussão em relação à divisão de áreas entre a Linguística e a Linguística Aplicada. A investigação linguística

dessas duas disciplinas envolve a análise do uso da linguagem na vida real e na prática social, que excede o limite da linguística, impulsionando pesquisas voltadas para a Linguística Aplicada.

A Linguística Aplicada não é uma ciência engessada que obriga ou articula metodologias corretas a serem adotadas no ensino de línguas, ou seja, não existe um modelo certo ou errado. Para os linguistas aplicados cada situação de aprendizagem é específica e envolve um tipo de aluno específico, o que indica uma variação na atuação considerando as diferentes situações e contextos reais.

A diversidade cultural e linguística que se encontra no processo de ensino torna-se, ainda, um desafio para os professores de línguas. Assim, a LA constitui-se como uma área investigativa inter/multi/pluridisciplinar, visando alcançar uma relação de equilíbrio e de produção de novos saberes por meio da colaboração das disciplinas e proporcionando laços sólidos.

De forma a dialogar com outros campos do conhecimento, Celani (1998) apresenta a articulação da LA em conformidade com as outras disciplinas, de modo a traçar uma interdisciplinaridade característica à Linguística Aplicada. Não só uma relação entre teoria e prática, mas, deve-se compreender as necessidades reais da sociedade, traçando uma base ideológica para produzir e aplicar conhecimento. É importante a colocação da autora, uma vez que para a LA nenhuma disciplina é independente das outras. Todas as ciências contribuem de forma direta ou indireta para a formação do indivíduo.

A Linguística Aplicada é um campo de pesquisa e prática interdisciplinar lidando com problemas práticos da linguagem e comunicação, os quais podem ser identificados, analisados ou solucionados aplicando-se teorias, métodos e resultados de trabalhos disponibilizados pela Linguística, ou desenvolvendo-se novos arcabouços teóricos e metodológicos em Linguística para trabalhar com esses problemas. A Linguística Aplicada difere da Linguística em geral no que diz respeito à sua orientação em direção a problemas práticos, do cotidiano, relacionados à linguagem e à comunicação (AILA, 2013, s./p.).

Desta forma, em nossa concepção o professor consciente de sua formação precisa conhecer a LA para melhor lidar com o processo de ensino e aprendizagem que ocorre no espaço escolar. Segundo

Celani (2000, p. 19), a “LA como área do conhecimento é vista hoje como articuladora de múltiplos domínios do saber, em diálogo constante com vários campos que têm preocupação com a linguagem.” A partir da necessidade de aprender uma língua, seja materna, segunda ou estrangeira, surgem os estudos em LA no anseio de promover discussões, fomentar o aparecimento de novas abordagens teóricas que supram as lacunas existentes na investigação metodológica de ensino, a fim de compreender o uso da linguagem no contexto da prática social.

Acreditou-se por muito tempo que a LA era uma tentativa de aplicação linguística, associando a teoria à prática numa perspectiva que não corresponde à verdade. Cavalcante (1986) afirma ainda que a LA está voltada às questões dos métodos e técnicas de ensino de língua.

De acordo com Menezes, Silva e Gomes (2009, p.2), a LA possui três vertentes, sendo: “ensino e aprendizagem, aplicação de linguística e investigação aplicada sobre estudos de linguagem como prática social”. A primeira vertente inclui trabalhos sobre estratégias na aprendizagem da língua, assim como apontam caminhos que ajudam a facilitar o ensino e a aprendizagem.

A segunda vertente investiga os posicionamentos e atitudes que devem ser tomados diante do processo. É uma vertente que apoia a criação de materiais didáticos que ajudam a realizar o processo de ensino e aprendizagem de forma mais motivadora. A terceira vertente se relaciona com a aplicação prática da linguagem a ser ensinada. Celani (2000) reforça a ideia de que a LA jamais deve se distanciar da língua usada na sociedade, porque se assim for o ensino será mecânico e não permitirá que o aluno seja autônomo em seu discurso. Desta forma pode-se afirmar que:

A LA só pode firmar-se como área de pesquisa de direito próprio, respeitável no meio acadêmico, se os linguistas aplicados se dispuserem a fazer LA sem o injustificável complexo de inferioridade, ao invés de fazerem aplicação da Linguística. Parece que essa fase subserviente está ultrapassada e isso é reconhecido pelos linguistas aplicados (CELANI, 1992, p. 21).

Acreditou-se por muito tempo que a LA era apenas mais uma disciplina vinculada ao domínio do saber, porém, desde seu surgimento teórico e histórico houve a necessidade de buscar esclarecimentos em

outros campos disciplinares, sob essa perspectiva, Celani (1998) apresenta o conceito de transdisciplinaridade, em que várias disciplinas colaboram e se integram de forma uníssona entre determinados campos de investigação, explorando com maior vigor os objetos de estudo. A autora faz uma divisão das relações das pesquisas transdisciplinares em quatro grandes grupos:

1. Interação em contextos institucionais e informais: estudos sobre contextos específicos tais como, negócios, academia, texto literário, sala de aula (bilíngüe, bidialetal e monolíngüe), médico/paciente, análise crítica do discurso.
2. Interação em aprendizagem: projetos em letramento, aprendizagem de segunda língua, interações transculturais e interculturais em contextos pedagógicos, o foco sendo sociocultural, discursivo e psicológico.
3. Aquisição e desenvolvimento da linguagem (materna, estrangeira, [orais e de sinais]: inclui situações tanto de primeira quanto de segunda língua, inclui projetos sobre aquisição e desenvolvimento da escrita, de leitura, de habilidade oral, de letramento e alfabetização.
4. Ensino de língua: inclui, particularmente, projetos sobre tradução, do ponto de vista da teoria, da prática e do ensino (CELANI, 1998, p. 136)

Diante desse argumento podemos observar que a Associação Internacional de Linguística Aplicada - AILA, em suas últimas reuniões, ampliou os tópicos de pesquisa, que antes se apoiavam no foco principal que seria ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Celani (1992, p.17) apresenta a gama de tópicos em que a LA torna-se cada vez mais ampla: “ensino/aprendizagem de língua materna, multilinguismo, testes, planejamento linguístico, sociolinguística, psicolinguística, lexicografia, tradução linguística contrastiva, linguística computacional, estilística, letramento, dentre outros.”

Os estudos relacionados à educação de surdos no Brasil e à Língua Brasileira de Sinais tem sido pesquisados, em sua maioria, sob o ponto de vista da LA, embora esta ainda seja uma língua recente a ser pesquisada nas universidades. Não obstante, tem contribuído para delinear aspectos voltados para a formação do professor de Libras, além de possibilitar a construção de uma nova abordagem de ensino-aprendizagem para esse público tão específico.

[...] o bilingüismo dos surdos pode também envolver o uso de outras línguas de sinais, outras línguas orais, e outras formas comunicativas

que não o português (GESSER, 2006). Todavia, se compararmos à situação de grupos lingüísticos de línguas orais, a situação do grupo minoritário surdo revela-se mais complexa e emoldurada por aspectos específicos (GESSER, COSTA, VIVIANE, 2009, p. 40).

Essa nova visão de pesquisa/ensino/aprendizagem associada aos estudos que se vinculam à área da surdez envolvem muito mais que uma simples relação entre as diversas áreas do conhecimento, outrossim, revelam a necessidade de explorar questões voltadas para a especificidade dessa minoria linguística, isso requer uma interação entre as disciplinas para traçar um novo eixo, trajetória e prática de saberes, como veremos a seguir.

A LA e o ensino de Libras

Inicialmente a LA aplicava-se à pesquisa sobre ensino de línguas, Kaplan (1985) afirma que era em virtude da forte preponderância do behaviorismo comportamental e também do estruturalismo linguístico. O foco principal da LA é o ensino e o aprendizado da língua, mas não excluindo o planejamento de práticas e nem de adentrar outras áreas do conhecimento.

Dar prioridade aos trabalhos que desenvolvem conexões específicas entre os estudos lingüísticos teóricos, a pesquisa educacional, e o planejamento e a implementação de programas práticos. Dentro dessa perspectiva, o periódico aceita contribuições em áreas de interesse tais como o ensino e a aprendizagem de primeira e de segunda língua, bilingüismo e educação bilíngüe, análise de discurso, tradução, testes, ensino de língua, metodologia, planejamento lingüístico, estudo das interlínguas, estilística, e lexicografia (KAPLAN, 1985, p. 3-4).

Discursando sobre as abordagens de ensino, Gesser (2012) mostra que na história da didática houve vários métodos de ensino. Para Brown (apud GESSER, 2012, p.18), a metodologia seria “o estudo das práticas pedagógicas de uma forma mais abrangente”, assim, o ensino de Libras precisa de uma preparação didático-pedagógica para que o docente consiga realizar o trabalho de forma consistente. As práticas pedagógicas são várias. Primeiro é necessário

compreender que cada aluno possui estilo de aprendizagem próprio. É necessário que no ensino de línguas haja uma diversificação de atividades para que se inclua todos os estilos de aprendizagem.

A LA deve, de certo modo, trabalhar com o ensino reflexivo (GESSER, 2012) em que a prática se reflita na aplicação propriamente dita. Um ensino reflexivo prioriza a abordagem comunicativa em que a aprendizagem de uma língua acontece por meio de situações reais da comunicação. A abordagem comunicativa prioriza o uso de materiais autênticos, e trabalha com diálogos reais e espontâneos e não criados/inventados.

A preocupação da LA no que se refere a Libras é pensar na formação dos profissionais quanto à prática do ensino da língua. Cavalcanti (1999, p. 181) incentiva uma nova visão cultural de que o professor se questione olhando para si próprio, explicando e revendo eventualmente suas práticas. Acrescenta ainda que, ao olhar as próprias práticas, o professor pode detectar contradições na fala e na prática, e elas são inspiradoras.

Considerando que não é uma produção de teorias, Celani (1992, p. 18) consolida que “a LA seria um mediador entre descrições teóricas e atividades práticas diversas”, deixando claro que ela é constituída de atividade, não somente de estudos teóricos, necessitando de resultados dos estudos realizados para o ensino de línguas. É bem nítido que apesar da linguagem estar no centro dos estudos da LA esta ainda não é totalmente dominada pela linguística.

Essa relação teoria-prática nas pesquisas em LA também pode ser alvo de trabalhos que corroboram com o ensino/aprendizagem da Libras como língua materna para surdos e como língua estrangeira para ouvintes, fomentando pesquisas e análises nessa área, ainda mediante as dúvidas e a ausência de uma definição sobre a Linguística Aplicada.

Buscando atender a problemas sociais na tentativa de intervir para solucioná-los, Moita Lopes (2006, p.90) prefere contrapor a tarefa de renarrar/redescrever a vida social, projeto que tem uma ligação direta com a necessidade de compreendê-la. Nessa linha de raciocínio, o ensino/aprendizagem da Libras é um meio de compreender a diversidade cultural da comunidade surda e poder se atentar ao problema da comunicação e do ensino da língua de sinais.

A identidade, cultura e socialização na LA

Como um fator de fortalecimento da disciplina e dos estudos em Linguística, deve-se tratar com uma grande relevância a importância da identidade social e da cultura para aprendizado de uma língua nos moldes da gramática, levando em consideração os costumes do meio em que se está(rá) inserido. A exposição ao pluriculturalismo pode trazer novas reflexões e pesquisas que vão ao encontro da LA.

A LA “como articuladora de múltiplos domínios do saber se preocupa com a linguagem” (CELANI, 2000, p.17) valorizando a identidade e a cultura linguística. Diante disso, é clara a concepção de que a língua e a cultura (CAMARA JR, 1955) estão intimamente ligadas. Ao ensinarmos uma língua, como a Libras, por exemplo, ensinamos uma cultura, a cultura surda. Isso significa que quem não conhece a cultura surda terá sérias dificuldades em lidar com o ensino e aprendizagem desta língua.

Dessa forma, torna-se importante discutirmos as questões de identidade e cultura sob a perspectiva de ensino da LA porque contribuem bastante para a qualidade do trabalho docente. Primeiro, apresentaremos uma breve definição acerca da identidade para depois trazermos a discussão de conceito de cultura para posteriormente explicar como os dois interferem no ensino de uma língua seja ela materna, segunda ou estrangeira.

Todo indivíduo possui características peculiares que o diferenciam dos outros. O Dicionário Houaiss (2009, p.1043) define identidade como sendo o “conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-lo”. Essas características devem estar relacionadas aos modos de ser e de estar numa sociedade. Dessa forma, a identidade linguística seria o conjunto de traços linguísticos que distinguem o sujeito dos outros nas relações de comunicação por meio da fala, da escrita e dos sinais. Todo sujeito tem uma característica peculiar própria que se pode manifestar no sinal, no timbre da voz, no traço da escrita (caligrafia) ou ainda na forma como enxerga a língua por meio da sua cultura.

A identidade do sujeito fica gravada na memória do mesmo de maneira a desempenhar um papel preponderante em sua aprendizagem.

O linguista aplicado Rajagopalan (2003), em sua obra “Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética”, levanta a questão que mostra como a LA deve sempre considerar a identidade do sujeito, compreendendo e permitindo que a aprendizagem se desenvolva sem ferir a realidade do sujeito. Toda a interação no processo de ensino e aprendizagem implica na decodificação dos signos. A decodificação do sentido e os valores semânticos só podem ser compreendidos dentro do contexto social e isso tudo passa pela manifestação da identidade do sujeito.

A LA ao apresentar respeito pela identidade dos sujeitos terá que assumir um compromisso com a comunidade. Esses signos só fazem sentido dentro de um contexto social. Sendo assim, “o primeiro compromisso de um pedagogo crítico é com a comunidade, da qual a sala de aula é uma pequena, porém fiel, amostra” (RAJAGOPALAN, 2003, p.105). É a partir dessa perspectiva que se pode olhar cada membro pertencente a uma turma como detentor de uma identidade que em soma resulta na identidade de uma comunidade linguística.

Existe uma identidade individual e uma identidade coletiva. Nenhuma destas identidades é decretada por lei, o que significa que quem formata as identidades é a sociedade através das suas práticas cotidianas. É importante sublinhar que a “uma identidade coletiva só pode ser a que está relacionada àquilo que é partilhado, logo, à produção de um sentido coletivo” (CHARAUDEAU, 2015, p.17).

Sendo assim, a LA precisa preparar um conjunto de metodologias que ajudem o professor no processo de ensino de forma que possa atender às realidades da turma. Numa língua tão complexa, como é o caso da Libras, “a(s) mão(s) do enunciador representa(m) o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza (o espaço de enunciação) é a área em torno do corpo do enunciador” (FERREIRA-BRITO; LANGEVIN apud QUADROS; KARNOPP, 2004, P.54). Essas especificações da Libras ilustram como cada língua possui uma identidade própria.

Olhando especificamente para a comunidade surda, podemos dizer que cada surdo representa uma identidade que deve ser respeitada. Tanto o professor quanto os alunos dentro da escola ou no espaço escolar precisam ser unânimes em compreender os limites identitários do outro. A identidade surda deve ser compreendida de forma dicotômica, pois o sujeito surdo se insere em sua comunidade

tanto individual, quanto coletivamente. Ouvintes, mesmo os que aprenderam a se comunicar com a Libras, precisam desenvolver habilidades psico-culturais para compreenderem como o surdo pode lidar com a sua identidade em meio a uma sociedade majoritariamente ouvintista.

Nesse contexto, linguisticamente Perlin (1998, p. 64-65) aponta cinco tipos de identidades surdas que se encontram operantes nas comunidades: a) identidade surda - que admite a surdez e experiencia um mundo todo visual; b) identidade híbrida - surdos que já experienciaram o universo ouvinte, mas perderam a audição, tendo contato com duas línguas e posteriormente se assumido surdo; c) identidade surda de transição - surdos filhos de ouvintes, que ao longo de seu desenvolvimento assumem identidade surda, mas com traços de seu contato ouvinte; d) identidade surda incompleta - surdos que experienciam a surdez, mas em contrapartida ao olhar do ouvinte que pode vir a ter graus de inferioridade na absorção da identidade surda; e por fim; e) identidade surda flutuante - surdos que querem ser “ouvintizados” desprezando a cultura surda e acreditando que a oralização é melhor que aprender a língua de sinais.

A forma como o sujeito interpreta o mundo resulta da forma como se construiu a identidade. Algumas línguas indígenas para designarem a lua e o sol usam um único nome. Por quê? Porque “os falantes dessas línguas identificam esses dois objetos celestes como pertencentes a uma mesma categoria de coisas” (CUNHA; COSTA; MARTELOTA, 2009, p. 18). Dessa forma, o linguista aplicado deve, em primeiro lugar, compreender como a identidade do sujeito se manifesta para melhor interpretar, como isso se dá no processo de ensino aprendizagem. Segundo Ilari (2013, p. 31):

[...] inserção numa língua de cultura ocorre sempre num contexto histórico muito especial, não só porque cada pessoa tem sua história, mas também porque a língua, sem deixar de ser ela mesma, muda com o tempo, as circunstâncias, os gêneros e os tipos de mídia em que é usada, e tudo isso é instável.

A Libras é uma língua nacional, materna e se diferencia do gestuno. Entende-se por gestuno “uma língua artificial, criada com o objetivo de possibilitar a comunicação entre as pessoas surdas de diferentes países” (PEREIRA et al., 2011, p.4). As línguas artificiais

não possuem identidades porque não apresentam as seguintes características: flexibilidade e adaptabilidade, arbitrariedade, dupla articulação, produtividade e heterogeneidade (SAUSSURE, 2006).

Outro aspecto inerente à LA é o entendimento de que jamais se pode dissociar a língua da cultura. Muitos significados (que são meramente linguísticos) estão intimamente ligados à cultura. Câmara Jr. (1955) define a cultura como o conjunto de tudo o que o homem criou (no mundo físico e biológico) na base das suas faculdades humanas. Sendo assim, Câmara Jr. advoga que a língua é resultado da cultura. Enquanto no português designamos a mesinha que fica na “sala de estar” como “mesinha do centro” os franceses chamam de “mesa baixa” (*table basse*) e os ingleses chamam de “mesa de café”, em inglês *coffee table*. Estes exemplos ilustram como para um mesmo objeto a atribuição do nome se liga à forma como os falantes enxergam o mundo e a cultura. Enquanto no português do Brasil a primeira refeição do dia chama-se “café da manhã” (mesmo que não haja café, talvez um chá ou apenas leite) no português de Portugal se chama “pequeno-almoço”. Esse exemplo mostra como dentro de uma mesma língua encontramos variedades que expressam a cultura da comunidade linguística.

Olhando para a Libras, a LA deve compreender o valor da iconicidade. A Libras é representada por sinais que transmitem de maneira clara sua mensagem, pois “[...] muitos sinais parecem estabelecer uma relação direta, quase transparente, com o conceito a que referem [...]” (PEREIRA et al., 2011, p.18). Os autores defendem ainda que essa característica se difere das línguas orais que possuem uma relação arbitrária, convencionada e não motivada pela semelhança entre o objeto e a palavra usada. Assim sendo,

Existe uma representação unitária da língua, amplamente compartilhada em diferentes culturas, que afirma que os indivíduos se identificam com uma coletividade única, graças ao espelho de uma língua comum que cada um estenderia ao outro e na qual todos se reconheceriam (CHARAUDEAU, 2015, p. 25).

A afirmação de Charaudeau nos leva a compreender que existem culturas coletivas (características do ser humano no seu todo), mas existem outras que caracterizam um determinado povo específico. Ao elaborar materiais didáticos, por exemplo, é preciso olhar as

especificidades dos destinatários. É o linguista aplicado que deve analisar se os conteúdos são apropriados para um determinado grupo sociocultural ou não. Mendes (2010) nos adverte que a nossa sociedade está imersa em ambientes sociais, culturais, históricos e políticos específicos. Daí ser necessário: a) repensar a aquisição da linguagem considerando seus diferentes contextos de ocorrência, raça, gênero e outras relações de poder e desigualdade; b) considerar o indivíduo como múltiplo, multifacetado, multidiscursivo e construir uma LA como um projeto crítico. (MENDES, 2010).

O docente de Libras deve desenvolver o processo de ensino-aprendizagem olhando para a competência linguístico-comunicativa (GESSER, 2012). O docente ouvinte e o docente surdo vivem em ambientes e culturas diferentes. As línguas de sinais são de aquisição/aprendizagem visual e a sua produção é espacial e motora (chamamos de modalidade visuo-espacial). Sendo assim, diferem-se das línguas orais que usam como instrumento principal o som. A escrita, sendo artificial, utiliza mecanismos convencionados e ordenados por lei (Acordo Ortográfico; gramática). Por exemplo, “uma vez que os aprendizes ouvintes conhecem as letras do alfabeto da língua portuguesa, seria de esperar que fosse o aspecto mais fácil da Libras para eles dominarem” (PEREIRA et.al., 2011, p.101). O que significa que usa novos padrões característicos da língua.

As tecnologias têm se aproveitado da LA para desenvolver alguns projetos que apoiam e melhoram a vida da comunidade surda: as campanhas luminosas, o despertador luminoso, o telefone para surdos, o telefone celular com aplicativo para surdos, a tradução simultânea em textos da *internet*, assim como a legenda oculta que permite o acesso à informação por meio do texto escrito transmitido na televisão. O sucesso dessas tecnologias de informação e comunicação depende grandemente da contribuição da LA em suas diferentes esferas de atuação.

Referências

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. Língua e Cultura. **Letras**, v. 4, p. 51-59, 1995.

CAVALCANTI, Marilda. A propósito da linguística aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 7, p. 5-12, 1986.

CAVALCANTI, Marilda. Reflexões sobre a prática como fonte de temas para projetos de pesquisa para a formação de professores de LE. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes (Org.) **O professor de língua estrangeira em formação**. Campinas: Pontes, 1999. p. 180.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Lêda Maria Braga. (Org.). **Aspectos da linguística aplicada**: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000. p. 17-32.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto (Org.) **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal, o que é LA? In: PASCHOAL, Mara Sofia Zanotto; CELANI, Maria Antonieta Alba (Org.). **Linguística aplicada**: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15-23.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, Gláucia Poença; LIMBERTI, Rita Pacheco (Org.). **Discurso e desigualdade social**. Tradução de Clebson Luiz de Brito e Wander Emediato de Souza. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-29.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos António; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-29.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ILARI, Rodolfo. Reflexões sobre língua e identidade. In: BORBA, Lilian do Rocio; LEITE, Cândida Mara Britto (Org.). **Diálogos entre língua, cultura e sociedade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 17-50.

KAPLAN, Richard Baldauf. Applied Linguistics, the state of the art: is there one? **English Teaching Forum**, p. 1-6, apr. 1985.

MENDES, Edleise. Porque ensinar língua como cultura. In: SANTOS, Percília; ALVAREZ, Maria Luísa Ortiz. (Org.). **Língua e cultura no contexto de português língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p. 53-75.

MENEZES, Vera Lucia; SILVA, Marina Morena dos Santos; GOMES, Iran Felipe Alvarenga. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (Org.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 24.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha et al. **Libras: conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Pearson, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOOP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Recebido em: 07/05/2018

Aceito em: 08/06/2018